

TRANÇADEIRAS DE MASSARANDUPIÓ: PIAÇAVA, CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS E SABERES TRADICIONAIS EM RISCO NO LITORAL NORTE DA BAHIA

Marcos Paulo Sales¹
Sílvia Helena Zanirato²

RESUMO

O texto analisa os conflitos que envolvem comunidades tradicionais do Litoral Norte da Bahia, que produzem artesanato a partir de bens naturais disponíveis no meio ambiente. Os saberes e práticas associadas se expressam nos artefatos, principal fonte de renda dessas populações. Os conflitos percebidos advêm de ações decorrentes do avanço da silvicultura e da urbanização. A pesquisa empregou entrevistas, fotografias e foi orientada por metodologias para cada fase do estudo.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais; Áreas protegidas; Artesanato; Conflitos ambientais; Massarandupió (BA).

*

INTRODUÇÃO

Este texto propõe uma análise sobre os conflitos socioambientais que envolvem as comunidades tradicionais que vivem em Massarandupió, no Litoral Norte da Bahia. Para produzir o artesanato Tupinambá, as artesãs fazem uso de bens naturais da Mata Atlântica, recolhidos na região que se tornou uma Área de Proteção Ambiental (APA). Criada como instrumento da Política Nacional de Meio Ambiente (decreto nº 1.046/1992), a unidade de conservação tem como premissa o ordenamento ecológico-econômico da região.

À época da sua criação, o instrumento legal previa, por exemplo, avaliar os diversos impactos que ocorreriam na localidade a partir da

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política (ProMuSPP), da Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social (PPGPTDS), pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Jornalista.

² Livre-Docente em Ciência Ambiental, Professora do Instituto de Energia e Ambiente e da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), da Universidade de São Paulo (USP). Brasil.

construção da Linha Verde (BA-099) – rodovia que interliga os estados da Bahia e Sergipe. Nestes quase 30 anos de criação da APA Litoral Norte da Bahia mudanças substanciais ocorreram nos contextos ambientais (ecossistemas), sociais, econômicos e culturais.

De acordo com o Instituto do Meio Ambiente (INEMA, 2022), a APA possui área total de 142 mil hectares, uma faixa litorânea com 10 quilômetros de largura e 142 quilômetros de extensão ao longo da Linha Verde. A Vila de Massarandupió, região geográfica escolhida para este estudo por sua expressiva produção artesanal, é um distrito do município de Entre Rios e está inserida na unidade de conservação.

Os instrumentos legais destacados neste estudo buscavam (e ainda buscam), favorecer a manutenção de um cenário de conservação ambiental, nem sempre possível. As dificuldades não são recentes, mas remetem a obras estruturantes e a abertura da linha verde, que favoreceu o desenvolvimento de empreendimentos ligados ao turismo, estimulado por aquilo que mais caracterizava a região: vegetação nativa densa, águas limpas, praias quase desertas e paisagens deslumbrantes.

Mesmo com o avanço da ocupação da área por empreendimentos ligados ao turismo, a região ainda conserva uma vegetação remanescente de Mata Atlântica: restingas, manguezais, coqueirais, dunas, lagoas, riachos e cachoeiras, além fauna e flora endêmicas (TINOCO, 2019). O patrimônio natural ressalta a importância da localidade para a conservação ambiental e proteção da biodiversidade, sendo considerado um *hotspot* de biodiversidade (TINOCO, 2019).

As comunidades que vivem em Massarandupió manifestam as suas tradições pelo artesanato. O saber-fazer tem origem que remete aos índios Tupinambás, é carregado de ensinamentos ancestrais e transmitido por sucessivas gerações. O ofício ocupa e empodera as mulheres, gera renda e reconhecimento para a localidade (SOUZA; GERMANI; SOUZA, 2011).

Compreender esse saber como tradicional encontra fundamento em Diegues et. al. (2000), são

[...] grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente (DIEGUES et. al. 2000, p. 22).

O artesanato produzido pelas artesãs é resultante de um conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, transmitidos oralmente por gerações, e se verifica em um lugar ecológico específico: a zona de ocorrência da piaçava da Bahia (*Attalea funifera Martius*), palmeira resistente, endêmica da Mata Atlântica, no Litoral Norte da Bahia, principal matéria-prima utilizada para a produção dos artefatos.

As práticas artesanais ali verificadas são definidas por Sales e Moura (2020):

Representam uma forma de resistência ao mundo globalizado e ao conceito de desenvolvimento baseado na economia, são protagonistas do patrimônio cultural imaterial baiano. Elas detêm, transmitem e socializam conhecimentos tradicionais do fazer com as mãos, transmitidos por sucessivas gerações. São saberes trançados em práticas não sistematizadas, mas com forte poder transformador de transmitir saberes ancestrais, como o respeito às questões ambientais (SALES; MOURA, 2020).

Apesar de ser uma atividade secular que tem buscado se adaptar às transformações do lugar, esta se encontra em risco que decorre de mudanças bem mais abruptas nos espaços de ação das artesãs. Para entender esse processo, a pesquisa se valeu de uma metodologia ampla: pesquisa bibliográfica, visitas *in loco*, observação participante, entrevista semiestruturada, registro de imagens e estudo de caso, realizado na Associação das Artesãs de Massarandupió (ADAM), que conta com 16 trançadeiras em atividade.

As metodologias empregaram orientações a respeito da revisão de literatura em artigos científicos, trabalhos acadêmicos e técnicos, acessados pelos bancos de dados do *Web of Science*, SciELO, Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBi USP) e Google Acadêmico. A história oral foi praticada em acordo com Boni e Quaresma (2005), a leitura da imagem fotográfica conforme Zanirato (2005) e a análise de conteúdo dos documentos oficiais fundamentada em Laurence Bardin (1977).

A Vila de Massarandupió

De acordo com o IBGE (2010), as principais atividades econômicas do município são a pesca artesanal, mariscagem, agricultura e produção do artesanato. No entorno da Vila de Massarandupió é possível encontrar vilarejos históricos, empreendimentos turísticos e hoteleiros e um extenso litoral com quase 200 quilômetros de praias, que gera grande fluxo de

turismo na região, atividades que também geram emprego e renda.

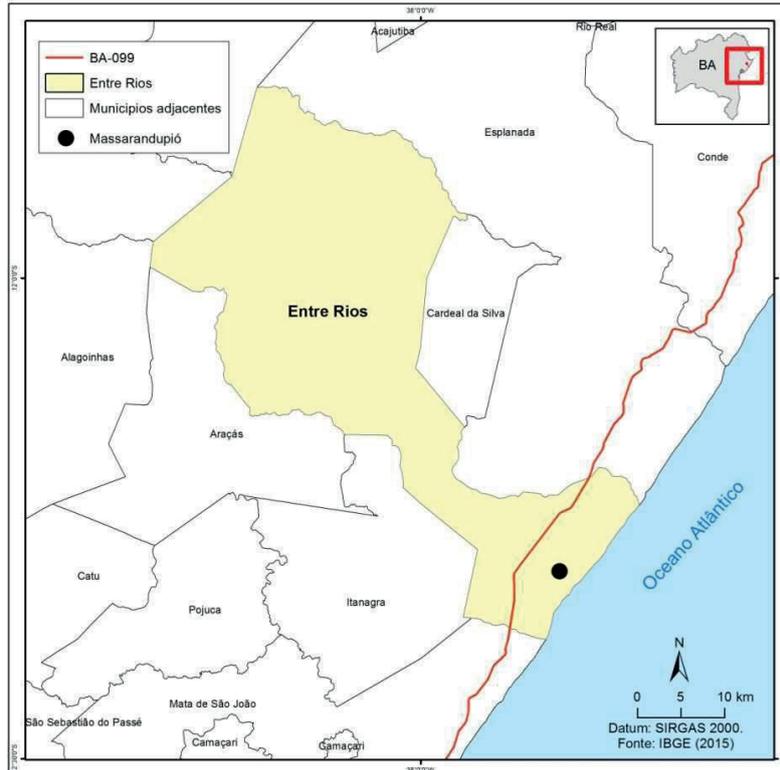
A comunidade, às vezes esquecida pelo poder público, relata a deficiência de serviços básicos como o acesso universal à saúde, educação e saneamento básico. A região, de hábitos simples, pode ser observada na Figura 1, que traz em primeiro plano uma artesã no trabalho. As ruas de terra, com amplas áreas verdes, são palco para a montagem da estrutura de produção, exposição e comercialização do artesanato, que também pode ser encontrado na sede da associação. A tranquilidade observada só é interrompida pela presença de turistas – potenciais consumidores –, que frequentam a praia naturista da Vila.

Figura 1 – Entrada da Vila de Massarandupió, no município de Entre Rios (BA)



Fonte: Marcos Paulo Sales (2021)

A Vila é acessível pela rodovia BA-099, Km 88, na região costeira do município de Entre Rios, no Litoral Norte da Bahia, e fica a aproximadamente 120 quilômetros de distância da capital, Salvador. Atualmente conta com uma população estimada de 600 habitantes, segundo dados da última contagem (SOUZA; GERMANI; SOUZA, 2011).

Figura 2 – Mapa da área de estudo, com destaque para a comunidade de Massarandupió (BA)

Fonte: Marcos Paulo Sales e Luis Paixão (2020)

O bioma predominante é a Mata Atlântica, onde se veem também vegetação de restingas, coqueirais, dunas, áreas úmidas (brejos e lagoas) e manguezais. Na Figura 3, pode-se observar, em primeiro plano, os coqueirais, no segundo plano, um dos rios que serpenteia a região para desaguar no mar, e ao fundo, as dunas e vegetações de restingas.

Figura 3 – Os coqueirais da Vila de Massarandupió (BA)

Fonte: Marcos Paulo Sales (2021)

Relatos de moradores dão conta do surgimento da Vila, habitada no passado pelos índios Tupinambá, que dá nome e homenageia o artesanato da localidade. Estes relatos falam da abundância de uma árvore da região, a maçaranduba (do tupi, *maçarandyba*), utilizada na mata para rolar outras árvores. A maçaranduba é conhecida por produzir um fruto amarelo, pequeno e geralmente doce. Diferente do habitual, os frutos da região possuíam sabor amargo, o que levou os moradores do início a associar os frutos da maçaranduba a um sabor pior, originando daí o nome da Vila: Massarandupió.

Conhecimento biodiverso e o artesanato local

As áreas de ocorrência natural da piaçava, ao longo do Litoral Norte da Bahia, hoje são propriedade de produtores rurais, redes turísticas e empresas; há também a plantação em terras indígenas demarcadas ou em processo de demarcação ou ainda em terras pertencentes aos quilombos certificados pela Fundação Cultural Palmares – FCP (PIMENTEL, 2015).

Os artesãos extraem a piaçava se valendo de práticas empíricas de manejo tradicional e esse manejo consiste, segundo Barreto (2009), em

[...] retirar a fibra de ano em ano, a fim de possibilitar a formação de fibras mais longas e de melhor valor comercial, fazendo com que as artesãs colham a palha em diversos pontos do piaçaval. A época considerada como mais apropriada para a colheita é no período de maio a setembro, uma vez que nos meses mais quentes as fibras ficam menos flexíveis (BARRETO, 2009, p. 88).

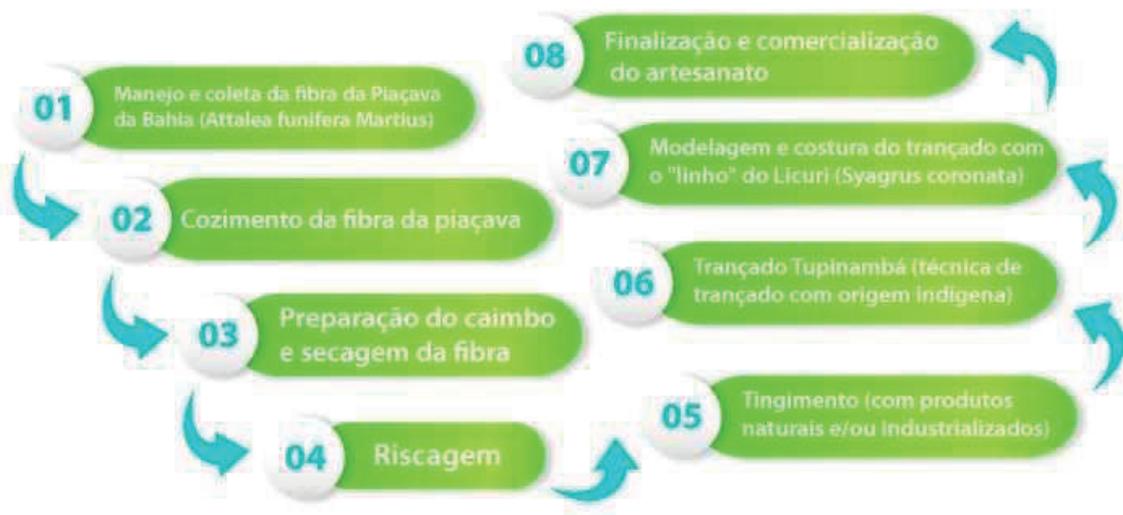
Esse manejo exige um conhecimento aprofundado do ciclo das palmeiras, de sua reprodução e de emprego de um calendário que permita a retirada das fibras sem comprometer a capacidade de recuperação da planta. Isso se deve a um conhecimento adquirido pela tradição herdada e que possibilita o uso sustentado do ecossistema.

Constata-se, então, que o artesanato de Massarandupió se insere nos ciclos naturais renováveis e se configura como um modo de vida associado ao ambiente. Ele é, prioritariamente, produzido por mulheres. Os homens, quando inseridos no contexto produtivo, aparecem como extrativistas, ou quando comercializam a matéria-prima utilizada no artesanato, sobretudo para as artesãs mais idosas e que já não têm condições de coletar a piaçava nas matas do entorno da Vila.

Em décadas anteriores, foram realizados programas de qualificação profissional em parceria com órgãos públicos e organizações não governamentais (ONGs), que visavam a elevar a qualidade dos produtos e permitir o acesso das artesãs associadas a novos mercados consumidores, como os complexos hoteleiros da região. Atualmente não há mais nenhuma iniciativa nesse sentido em curso.

O artesanato praticado na região é conhecido como Trançado Tupinambá. A técnica é única no mundo e representa uma característica marcante da região onde está inserida a Vila de Massarandupió. O processo de produção é composto por oito etapas, que vai desde a coleta da matéria-prima e o seu beneficiamento, até a comercialização do produto final. A partir das entrevistas e observações realizadas, pudemos conhecer o processo de produção do artesanato, descrito abaixo (Figura 4).

Figura 4 – Processo de produção do trançado Tupinambá



Fonte: Marcos Paulo Sales (2021)

As etapas de produção do artesanato Tupinambá podem ser observadas nas imagens que ilustram este trabalho (Figura 5). Como identificado por Barreto (2009, p. 90), "o trabalho começa com a saída das artesãs em direção ao local da colheita, bem no início da manhã, quando o sol está fraco, ou no final da tarde. O percurso até o piaçaval geralmente é feito a pé, em grupos de três ou mais artesãs".

Figura 5 – Etapas de produção do artesanato Tupinambá

Fonte: Marcos Paulo Sales (2021)

A influência do turismo e a pressão mercadológica interferiram na produção local: “[...] a atividade, que antes tinha lugar garantido na ludicidade, ganhou o estatus de fonte de renda” (MATTEDI, 2002, p. 87). A produção se adaptou ao mercado, incorporando adereços, mobiliários, vestimentas, peças decorativas e funcionais, entre outras.

As artesãs de Massarandupió

A história do artesanato em Massarandupió pode ser melhor compreendida a partir da fala de uma das artesãs:

Quando eu era menina, a gente passava o ano fazendo artesanato pra conseguir dinheiro para duas festas: Natal e São João. A gente fazia três tipos: chapéu, esteira e bocapiu, e só tinha uma cor, a cor natural. A gente fazia e o pai ia vender longe esse artesanato, de comboio, uns três dias de viagem. Lá, na feira de Alagoinhas, tinha um rapaz certo que comprava o artesanato. E a gente ia a pé! Arrumava tudo no lombo do jegue, levava água e comida e às vezes a gente também dormia na estrada, e voltava com um dinheirinho pras festas, pra comprar farda, essas coisas.

A fala demonstra o saber recebido das mães e avós, que começou ainda na infância. Hoje as artesãs têm, em sua maioria, idade que varia

entre os 61 e 70 anos (37,5%). As mulheres com mais de 71 anos perfazem 18,75%. Numa proporção menor, estão as artesãs na faixa etária entre os 26 e 30; 41 e 50 e 51 a 60 anos de idade, com 6,2% cada. Na faixa entre os 31 e 40 anos estão outras 25%. Há uma ausência de mulheres com idade até os 25 anos nesse ofício, o que sugere que as mais jovens preferem atuar em outros ramos de atividade, sejam eles formais ou informais, como nos empreendimentos turísticos e hoteleiros da região ou prestando serviços nas casas de veraneio no entorno da Vila.

As artesãs explicam que o seu fazer é difícil:

O artesanato para mim é a minha fonte de renda, é a minha vida. Como você acompanhou a gente lá na mata, não é um trabalho, digamos, fácil. Não! Eu trabalhei muitos anos na agricultura e depois voltei pro artesanato, que é o que eu gosto. [...] eu ainda vou na mata pegar piaçava, mas tem artesã que não aguenta mais pela idade, e compra os feixes na mão do rapaz. [...] E posso falar que hoje ainda é melhor do que antigamente, quando a gente não tinha a associação, né?.

O nível de ocupação é maior entre as mulheres com mais de 61 anos de idade. Nessa faixa etária, elas são, em sua maioria, aposentadas e as que ainda não conseguiram o benefício da aposentadoria atuam em outras atividades para complementar a renda familiar, como em serviços domésticos, na agricultura ou na coleta e comercialização de frutas da estação, como a mangaba.

Percebe-se, assim, que já estão a ocorrer interrupções na transmissão do conhecimento às populações mais jovens, atraídas por trabalhos considerados menos difíceis, e associados aos diversos ramos vinculados ao turismo. Todavia, não é apenas esse fator que está pondo em risco a manutenção dos saberes e fazeres em torno do artesanato a partir da piaçava da Bahia.

Um saber em risco

O manejo da matéria-prima ocorre de forma a minimizar os impactos ao meio ambiente, com a preocupação em não extrair mais do que a capacidade de reposição das palmeiras e não gerar pressão sobre as mesmas. Como diz um dos artesãos, entrevistado por Barreto: "Não se pode retirar a folha da mesma piaçava sempre, tem que esperar um tempo pra ela crescer e ter novas palhas, senão termina matando a piaçava" (BARRETO, 2009, p. 89).

Ainda que haja essa preocupação, a continuidade da atividade encontra-se em risco em face de ações que estão a ocorrer em Massandupió e que remetem ao avanço da silvicultura e da urbanização nos espaços que ainda abrigam formações vegetais que fornecem as fibras para o artesanato praticado.

Dados apresentados por Maia e Santos (2009) mostram que, entre 1991 e 2008, a Costa dos Coqueiros, onde está situado o município de Entre Rios, recebeu mais de 1.500 empreendimentos turísticos e hoteleiros. Foram residências turísticas e de serviços, campos de golfe, áreas de serviços, esporte e lazer à beira mar, que retiraram a vegetação de restinga, tornando a situação crítica para a conservação da biodiversidade no Litoral Norte.

A silvicultura teve expansão no Litoral Norte na década de 1970. A plantação gera produtos madeireiros, papel, celulose e carvão vegetal. A produção “evidencia o seu caráter excludente quanto ao domínio territorial das famílias de camponeses, historicamente estabelecidas no Estado da Bahia” (ANDRADE e OLIVEIRA, 2016, p. 322).

Segundo o Instituto do Meio Ambiente da Bahia (INEMA, 2021), os principais problemas na região que abriga a APA incluem a ocupação desordenada do solo, o avanço da plantação de pinus e eucalipto, a intensificação da pecuária e da pesca predatória, a degradação dos manguezais e o turismo que tem levado a diversos loteamentos ao longo de toda a costa.

O avanço dos condomínios e loteamentos sobre os brejos, mangues e dunas costeiras não só deteriora os ecossistemas ao aterrar lagoas, erradicar a vegetação originária, extrair areia para a construção civil, despejar lixo e entulho nas áreas circunvizinhas, contaminar os lençóis freáticos, como também contribui para acabar com os tradicionais meios de subsistência da população local. (LIMONAD, 2007, p. 9).

Essas ações estão a diminuir a vegetação nativa do Litoral Norte da Bahia, como as piaçaveiras. Essa diminuição é uma preocupação constante na fala das artesãs, que dizem o quanto tem tornado a coleta difícil e escassa nos limites da Vila. Parte das palmeiras que ainda resta está em áreas privadas, situação que gera tensões e conflitos. Quando o acesso delas é permitido, este se dá por acordos verbais com os proprietários de terras para coletar a piaçava. Segundo as artesãs, caso medidas emergenciais não sejam adotadas, a escassez da matéria-prima inviabilizará a tradição do artesanato a médio ou longo prazo.

Sobre a diminuição na oferta da piaçava na região, podemos confirmar a situação relatada *in loco*. Percorremos cerca de doze quilômetros, de carro, do centro da Vila até o local mais próximo de coleta, na BA-099. No passado, como dizem as artesãs, esse percurso era realizado a pé, dentro dos limites da Vila:

Antes a gente não andava muito pra pegar a piaçava pra fazer o artesanato, sabe? Tudo era aqui em Massarandupió, a piaçava, o licuri, a tintura pra tingir a palha. Hoje não tem mais piaçava que preste aqui por perto e a gente tem que andar muito pra conseguir uma boa, com qualidade pra fazer o artesanato. Quem não consegue, compra, mas aí diminui o lucro, que já é pouco e as pessoas não valorizam muito. Na verdade, muita área daqui já foi desmatada pelo eucalipto, que acaba com tudo.

A fala da artesã traz uma série de problemas que afligem a coleta da matéria-prima: o desmatamento para o plantio do eucalipto, a distância cada vez maior até áreas onde ainda estão as piaçaveiras, dificuldades decorrentes do desmatamento em conseguir outros produtos naturais empregados no artesanato, como o licuri, e a ação de intermediários na coleta das fibras, fatores esses que diminuem o lucro e desmotivam a prática.

A pesquisa permitiu entender as ameaças à continuidade da produção do artesanato, verificada tanto nos relatos das artesãs, como no próprio campo. O principal motivo, segundo as falas das artesãs, diz respeito ao desmatamento que tem ocorrido na região, sobretudo para o plantio de eucalipto, seguido ainda pela privatização de áreas verdes, que antes eram comuns, assim como pelo avanço da urbanização e dos empreendimentos do turismo a ela associados. Estes fatores ocasionam, de forma considerável, uma queda na oferta da matéria-prima e na produção artesanal em Massarandupió.

Considerações finais

O estudo demonstra os problemas advindos da ocupação da região costeira do Litoral Norte da Bahia, particularmente no entorno da Vila de Massarandupió. Em que pese a área de estudo estar dentro de uma APA, que tem como premissa o ordenamento ecológico-econômico da porção litorânea dos municípios em seu entorno, os diversos impactos locais advindos das novas formas de uso e ocupação do solo na região têm

resultado em mudanças substanciais, com comprometimentos ambientais e sociais.

Entre os comprometimentos está o relacionado ao desmatamento, que envolve diretamente os saberes e práticas artesanais a partir da extração e manuseio da piaçava, saber aprendido e transmitido por gerações. A continuidade desse saber requer ações capazes de reduzir os riscos que a ele se apresentam e que comprometem não só esse conhecimento, como a manutenção dos bens naturais biodiversos.

O agravamento do problema aponta, como solução passível de resolver e assegurar o direito à terra para as comunidades tradicionais, a criação e efetiva fiscalização de reservas extrativistas, pensadas como propriedades de uso coletivo, capazes de garantir o acesso das comunidades de artesãos aos bens naturais de uso comum. As comunidades tradicionais que vivem do artesanato e seus modos de vida e saberes devem ser preservados, assim como os ecossistemas por elas utilizados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maicon L. de e OIVEIRA, Gilca G. de. **Monocultura do eucalipto na Bahia**: um retrato da apropriação privada da natureza. Cadernos do CEAS, Salvador, n. 237, p. 294-326, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, R. O. Técnicas de manejo e sustentabilidade da palmeira *Attalea funifera Martius* – piaçava da Bahia: estudo de caso em Massarandupió, Litoral Norte – Bahia. **Candombá – Revista Virtual**, v. 5, n. 2, p. 80-97, jul – dez 2009.

BONI, Valdete. e QUARESMA, Silvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

DIEGUES, A C et al. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. M M A, COBIO, NUPAUB – Universidade de São Paulo, fevereiro de 2000.

IBGE. Entre Rios. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/entre-rios/panorama>>. Acesso em: 29 mai. 2022.

INEMA. **Unidades de Conservação**. Apresenta informações básicas sobre todas as unidades de conservação da Bahia. Disponível em: <<http://www.inema.ba.gov.br/gestao-2/unidades-de-conservacao/apa/apa-litoral-norte-do-estado-da-bahia/>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

LIMONAD, Ester. O fio da meada. Desafios ao planejamento e à preservação ambiental na Costa dos Coqueiros (Bahia). **Scripta Nova**. Número extraordinário dedicado al IX Coloquio de Geocritica, 2007.

MAIA, Margareth P.; SANTOS, Sidnei S. Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade no Litoral Norte da Bahia – Importância, Ameaças e Estratégias de Conservação. **CEAMA**, 2009. Disponível em: <http://www.ceama.mpba.mp.br/2013-03-15-18-55-53/doc_view/1324-conservacao-e-uso-sustentavel-da-biodiversidade-no-litoral-norte-da-bahia-importancia-ameacas-e-e.html>. Acesso em: 08 jun. 2022.

MATTEDI, M. R. M. **Pesquisa e planejamento ambiental no Litoral Norte da Bahia**. Gestão e Planejamento, Salvador, v. 1, n. 3, p. 1-11, 2001a. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/view/147/149>>. Acesso em: 08 jun. 2022.

PIMENTEL, NOARA M. Uso Tradicional, Manejo e Processamento da Piaçava da Bahia (*Attalea funifera* Mart.). **Tese de Doutorado em Ciência Florestal, UNB**, – Brasília, 2015. 210 f.

SALES, Marcos Paulo; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa de. **Conhecimento Tradicional e Artesanato: Trançado de Piaçava, Respeito à Natureza e Educação Ambiental em Massarandupió (BA)**. In: III Congresso Internacional Ibero-Americano de Bioética, IX Congresso de Humanização e Bioética e Simpósio de Educação e Bioética da Sociedade Brasileira de Bioética Regional Paraná, 2020, Curitiba/PR. Anais 3ª edição ISSN 2316-1140. Curitiba/PR, 2020. p. 74-74.

SOUZA, M. D. L.C; GERMANI, Guiomar Inez ; SOUZA, E. R. L. D. C. **Conflitos de interesses na produção do espaço na área costeira do Litoral Norte da Bahia**. Anais do Iº Seminário Espaços Costeiros 2011 – IGEO/UFBA – Salvador, Bahia. Disponível em: <https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar_souzagermani_producaoespacolitoralnorteba.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2022.

TINÔCO, M. S. **Restinga: A Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia**. 1. ed. São Paulo: Barro de Chão, 2019. 367p.

ZANIRATO, Silvia H. A fotografia de imprensa: modos de ler. In: PELEGRINI, Sandra & ZANIRATO, Silvia H. **Dimensões da imagem**. Maringá: EDUEM, 2005, p. 15-37.